

## O ENSINO REMOTO EM MEIO À PANDEMIA: O CASO DE UMA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFRJ

### TO REMOTE LEARNING IN THE MIDST OF THE PANDEMIC: THE CASE OF A GRADUATION OF THE UFRJ

RICARDO FERNANDES  
UNESA

LUÍS CLAUDIO DALLIER  
UNESA

**RESUMO:** Esta pesquisa partiu da necessidade de se investigar os desafios de um curso *stricto sensu* de uma Universidade Federal diante da pandemia da Covid-19, sob a perspectiva de adaptações e adequações por parte dos corpos docente e discente. Diante da paralisação abrupta em março de 2020, o Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), curso essencialmente presencial, teve que se adaptar em procedimentos e ferramentas tecnológicas para a retomada das aulas na forma remota, modalidade que foi a resposta para a continuidade do ensino-aprendizagem em geral, um cenário ímpar e desafiador para a Educação como um todo. Os docentes do Programa EICOS tinham naquele momento graus de dissimetria em relação à familiaridade com a Educação a Distância (EaD), modalidade que guarda semelhanças e, também, diferenças com o Ensino Remoto (ER). A pesquisa analisou, de forma quanti-qualitativa, através de instrumentos de análise de dados questionários e entrevistas entre docentes e discentes, objetivando coletar informações referentes aos desafios diante de questões tecnológicas e metodológicas, assim como as adaptações para todas as atividades acadêmicas e percepções em relação do ER no curso e para as partes envolvidas.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Ensino Remoto. Pós-Graduação. Programa *stricto sensu*. Covid-19.

**ABSTRACT:** This research was born out of the need to investigate the challenges of a *stricto sensu* course at a Federal University in the face of the Covid-19 pandemic, from the perspective of adaptations experienced by the faculty and students. Faced with the abrupt stoppage in March 2020, the EICOS Program - Graduate Program in Psychosociology of Communities and Social Ecology, from of the UFRJ, an face-to-face course, had to adapt its procedures and technology to resume classes in a remote teaching, a modality that became the answer for the continuity of teaching and learning in general, a challenging scenario for Education as a whole. At that time, the teachers of the EICOS Program had degrees of dissymmetry in relation to their familiarity with Distance Learning, a modality that has similarities and also differences with Remote Teaching. The research intended, in a quantitative-qualitative way, to use as data analysis instruments, questionnaires and interviews among teachers and students, aiming to collect information regarding the moment of cessation of academic activities, the challenges in terms of

technological and methodological issues, as well as the adaptations for all academic activities and perceptions regarding the Remote Teaching in the course and for the parties involved.

Keywords: Higher Education.Distance Learning. Remote Teaching. *Stricto Sensu* Program. Covid-19.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo teve como ponto de partida uma pesquisa que objetivou analisar as adaptações e adequações de um curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Programa EICOS – Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro) frente à pandemia da Covid-19, entre os anos de 2020 e 2022, por meio de atividades remotas, apresentando os resultados de diversos temas relacionados ao curso, como adequações metodológicas das pesquisas discentes, defesas de dissertações e teses via remota e identificação de pontos positivos e negativos, através de gráficos, tabelas e opiniões de docentes e discentes do curso.

Os procedimentos para a pesquisa foram divididos em duas etapas. Primeiramente foram encaminhados dois questionários (digitais) distintos para docentes e discentes, com alternativas a serem marcadas e complementadas livremente para algumas questões específicas. A segunda etapa, após o recebimento dos questionários, foi uma entrevista em profundidade (individual), em que três docentes e oito discentes foram convidados a participar. Frisa-se que todos os participantes das entrevistas responderam aos questionários, e que nem nos questionários nem nas entrevistas qualquer entrevistado foi identificado, seguindo rigidamente as orientações plantadas pelo CEP (Comitê de Ética e Pesquisa).

O Programa EICOS adotou o Ensino Remoto (ensino síncrono temporário, em tempo de Covid-19), assim como as instituições de Educação de maneira geral, e se viu em um ambiente até então inédito, turvo e praticamente desconhecido pela maioria. A necessidade da Educação, como um todo, tanto no Brasil como no mundo, de utilizar uma configuração remota a partir de março de 2020, gerou dúvidas se esta era sinônimo de Educação a Distância (EaD), modalidade já usual como modalidade de ensino-aprendizagem no meio acadêmico.

Um ponto importante a se destacar em relação a este formato emergencial de ensino/aprendizagem é a diferenciação entre Educação a Distância (EaD) e Ensino Remoto (ER). A Educação a Distância (EaD), até a pandemia da Covid-19, já se encontrava em plena expansão como alternativa à educação presencial, como modalidade criadora de flexibilidades e como consequência da amplificação das tecnologias da informação e comunicação (TICs), segundo Peixoto e Araújo (2012, p. 255).

Embora tenham pontos convergentes, os dois formatos têm características distintas (SALDANHA, 2020). Em linhas gerais, a EaD tem três características fundamentais, segundo Mills (2018): a) adoção de um planejamento na criação e acompanhamento do curso: o *design* instrucional. b) utilização de tecnologias diversas como mediação e interação na relação professor-aluno-conteúdo, com a participação e supervisão de atividades de tutores; c) distanciamento espacial e/ou temporal em grande parte do tempo entre professores e alunos. Já o ER é uma adaptação temporária de cursos presenciais para plataformas digitais. Embora as duas modalidades tenham atividades mediadas por tecnologias, a EaD tem atividades que podem ser presenciais, como provas

e aulas presenciais, enquanto o ER é totalmente ministrado através de equipamentos tecnológicos e de forma não presencial (HODGES *et al.*, 2020).

Em relação à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a falta de um planejamento de emergência que desse conta da situação inusitada e singular que se apresentava levou à decretação de cinco meses de suspensão das atividades acadêmicas, tal como outras IES (Instituições de Ensino Superior) públicas, com o objetivo de organizar sua infraestrutura para conceber através de suas instâncias um retorno não presencial

Apesar de o Brasil ter a EaD prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394) desde 1996 para os cursos de Graduação e de Pós-Graduação *Lato Sensu*, o processo de incorporação em larga escala, no que diz respeito à Universidade Federal do Rio de Janeiro, esbarrou na diminuição de investimentos federais, na limitação das ferramentas e sistemas tecnológicos, na grave falta de contratação de profissionais da área tecnológica e na falta de assistência por parte das Pró-Reitorias junto aos docentes. Um outro ponto complicador neste cenário foi a instabilidade no sinal da *internet* para as atividades acadêmicas.

Diante do cenário caótico no início da interrupção das atividades acadêmicas, acendeu-se entre os pesquisadores um alerta de que a Educação em suas formas síncronas e assíncronas deveria ser repensada não só em tempos de distanciamento social. De forma geral, professores e alunos deveriam aprender e incorporar definitivamente novas ferramentas e linguagens digitais como possíveis realidades na Educação, como forma de se evitar, futuramente, em cenários análogos, a suspensão das conexões acadêmicas, o que se mostrou tão danoso para os alunos de todas as faixas etárias, classes sociais e econômicas.

Segundo Boto (2020, n.p), o momento foi extremamente propício à reflexão:

Não se trata de conversão definitiva do ensino presencial a práticas virtuais. Trata-se de valer-se, neste momento particular, de recursos tecnológicos que são oportunos para projetarmos o futuro. Um futuro que não vai aderir ao ensino a distância. Mas um futuro que vai, sim, mobilizar de maneira inteligente as ferramentas e plataformas da *internet*. Cabe aos educadores descobrirem como agir na urgência com inventividade, com coragem de criar o novo, com respeito às tradições e com atenção a todos os alunos. A escola, pelo coronavírus, finalmente chegou ao tempo da computação e da *internet*. Caberá às Faculdades de Educação, às Secretarias de Educação, enfim, a todos os educadores comprometidos com a educação pública integrarem e interpretarem esse processo. Quem não souber mergulhar na ocasião que a história nos coloca ficará para trás. São tempos muito tristes estes, que, no entanto, nos trouxeram uma oportunidade pedagógica. Há de se avançar e olhar para frente.

O Programa EICOS, em sua retomada de aulas, viu os docentes impulsionados a aceitarem os novos e instigantes desafios. A preparação se baseou, em parte, nas recomendações da Reitoria da UFRJ sobre ER, e fundamentalmente nas pesquisas individuais, seja por leituras, tutoriais, vídeos, aprendizado colaborativo ou demais pesquisas sobre o tema, diante dos desafios criados pelo cenário em questão.

Em agosto de 2020, os docentes reiniciaram as aulas com o mesmo objetivo de outras Instituições e cursos: adaptar-se e voltar a uma nova realidade forjada pelo isolamento social. Atividades acadêmicas foram retomadas em seu todo, de forma síncrona, em plataformas virtuais sugeridas pela Reitoria ou conforme opção de cada linha de pesquisa

do programa ou docente.

O presente artigo descreve a seguir as adaptações e adequações necessárias de docentes e discentes do Programa EICOS/UFRJ frente ao Ensino Remoto, de acordo com a pesquisa quanti-qualitativa realizada entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022 com professores e alunos, ilustrada com de gráficos e depoimentos.

## 1. Apresentação e discussão dos dados da pesquisa

### 2.1 Dados referentes ao corpo docente

Para a pesquisa qualitativa, foram convidados 11 docentes do curso afim de responderem a um questionário virtual. Esses docentes participavam efetivamente com disciplinas e orientações, no momento da decretação do estado de pandemia em março de 2020, dos quais 10 docentes responderam, o que corresponde a 90,9% dos professores.

Dos que responderam ao questionário, foram convidados 03 docentes (um de cada linha de pesquisa) para uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de aprofundar suas experiências com o ensino remoto e através de seus olhares críticos, melhor compreender o cenário criado pela pandemia e possíveis desdobramentos.

Ao longo deste item, as explicações sem identificação são comentários complementares do questionário. As inserções identificadas com “docente A, B ou C” são referentes aos entrevistados.

Primeiramente foi indagado como os docentes viram a suspensão abrupta das atividades que mal se iniciaram em março de 2020. As respostas a seguir foram de docentes que responderam aos questionários:

“Caótico e que me mostrou como estamos despreparados para lidar com imprevistos”. (Resposta 1)

“Com apreensão, pois as incertezas do momento foram dando lugar a um outro modo de operacionalizar com os processos de ensino-aprendizagem”. (R 2)

“Com surpresa diante de uma pandemia até então inédita e confiando na suspensão das aulas por certo período”. (R 3)

“Incredulidade, espanto, insegurança, preocupação”. (R 4)

“necessário para podermos avaliar a situação e decidir como proceder”. (R 5)

Um ponto importante destacado pelos docentes entrevistados, em relação ao desenvolvimento das aulas diz respeito ao perfil do aluno de pós-graduação em relação ao aluno de graduação. Um primeiro ponto crucial no diferencial entre estes alunos, que impacta no desenrolar das aulas remotas, é o tamanho das turmas. Na graduação as turmas em geral são maiores, com até 60 alunos. Já as turmas de pós-graduação raramente excedem 20 alunos, tendo a média, no Programa EICOS, de 10 a 20 alunos. Um segundo ponto destacado é o nível de concentração e interação por parte dos alunos de pós-graduação, assinalados pelos docentes entrevistados.

A seguir, a visão dos três docentes entrevistados sobre a diferença das aulas no ER,

para os dois níveis:

“Os alunos [de graduação] eu vou dando uma aula, mas tentando conversar. Mas é muito difícil porque as pessoas não abrem a câmera, elas não abrem o áudio, você pergunta, você tem lá, tantas janelas na frente. E ninguém responde. Não se sabe se eles estão, se eles não estão, como você insiste, um deles abre o microfone e fala “professor, continua” aí você continua. É uma não relação. Agora, na pós-graduação [...] é uma dinâmica muito diferente disso, porque ainda que sejam mais ou menos interessados, os alunos discutem. Como são poucos, eu solicito que falem todos. Então na pós-graduação funcionou muito bem tendo a base de videoconferência. E eu acho que eles fizeram bons trabalhos e tudo mais. Mas eu sei, eles poderiam ir muito mais longe, se eles lessem mais. Eu acho que tem uma limitação de leitura muito grande, isso é independente da tecnologia”.

Docente A

“Eu acho que tem um outro público aí [graduação]. É de menor interação. [...] Eu falei assim “gente, sabe, eu estou falando sozinha?”. Porque eu falo com todo mundo com a tela fechada. E o que eles falam para mim? “Professora eu não abro por causa da do sinal”. Às vezes eu não tenho controle. Às vezes é verdade ou não. [...] Mas na pós eu acho que tem uma diferença. Assim, não sei se porque as pessoas estão mais velhas, estão não sei se porque, tem um desejo ali. Ninguém vai fazer por fazer”.

Docente B

“Na pós-graduação a gente tem estudantes mais maduros e estudantes que não tem dúvida do que eles querem fazer, aquilo que eles tão fazendo e com prazo. Não é só o prazo da CAPES ou do programa, é prazo de vida. Eles já chegam com a intenção de terminar dentro de um certo tempo. Então a gente tem estudantes muito implicados com aquilo que estão fazendo”.

Docente C

As próximas questões foram relacionadas ao prévio conhecimento e utilização das tecnologias digitais. Foi indagado se os docentes já tinham experiência nas modalidades a distância ou remota (mesmo na Graduação) e na utilização anterior de plataformas. A tabela a seguir mostra as respostas:

Tabela 1: Experiência anterior com:

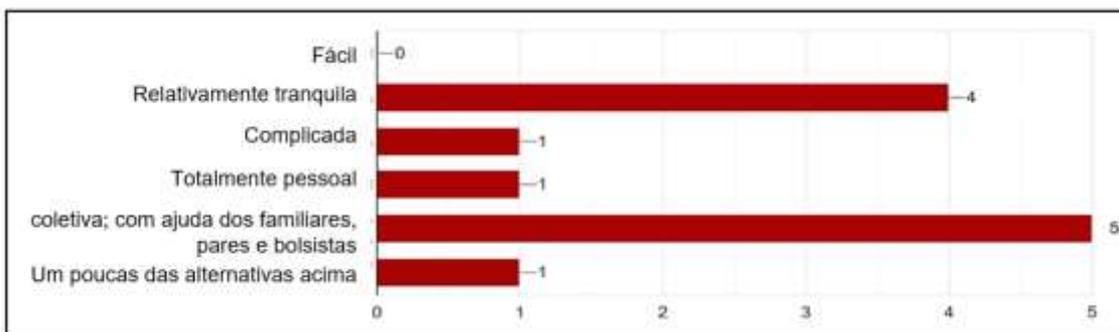
	Sim	Não
Ensino a Distância	6	4
Plataformas de AVA/ webconferências	7*	3
* 2 docentes afirmaram utilizar usualmente		

Fonte: autor

Sobre a utilização de recursos didáticos e mídias às aulas remotas, 100% dos docentes marcaram a incorporação delas, com 07 utilizando diversas mídias, apresentações em *PowerPoint* (PPT), vídeos, textos etc. Destaque nesta questão é que nenhum professor utilizou, na ocasião da pesquisa, apenas conversação como recurso didático.

Em relação às aulas remotas em si, foi perguntado: “Como foi sua preparação/adaptação das aulas do presencial para o remoto, neste contexto de pandemia? (mais de uma opção possível)”, a figura 01 expõe as alternativas marcadas:

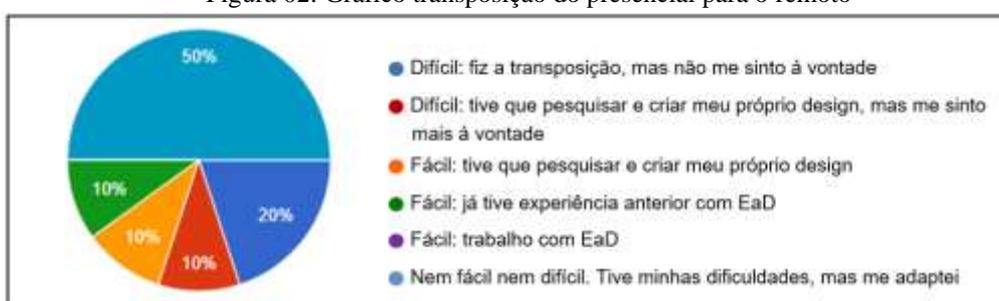
Figura 01: Gráfico sobre adaptação ao ER



Fonte: autor

Em relação à transposição das aulas presenciais para remotas, a figura 02 mostra as respostas:

Figura 02: Gráfico transposição do presencial para o remoto



Fonte: autor

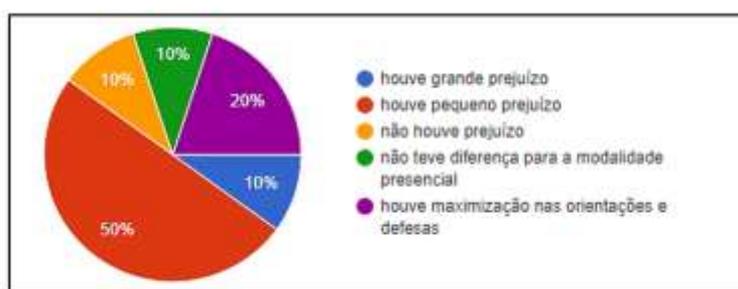
No bloco de questões relacionadas ao andamento dos cursos, as figuras 03 e 04 assinalam os efeitos do ensino remoto (ER) nas disciplinas e orientações, segundo os entrevistados.

Figura 03: Gráfico sobre disciplinas sob o ER



Fonte: autor

Figura 04: Gráfico sobre orientações sob o ER

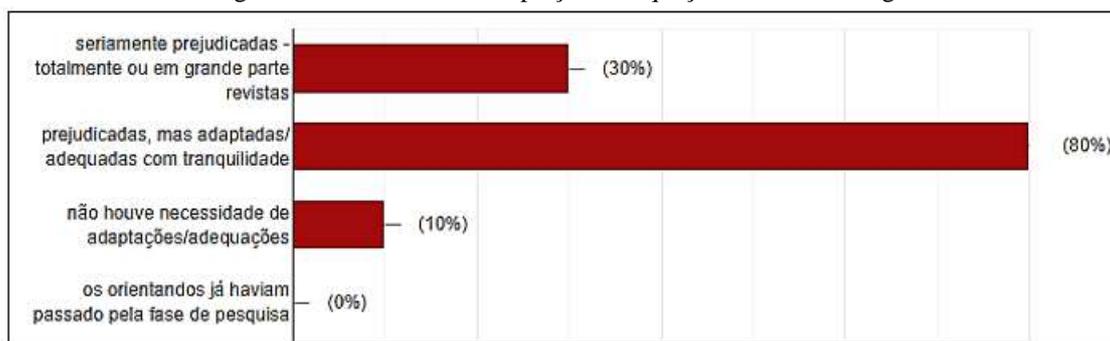


Fonte: autor

De 10 professores, 07 consideraram fraca a participação de alguns alunos com o ER, 02 consideraram que a participação foi melhor que presencial e 01 não sentiu diferença quanto às aulas presenciais. As alternativas “ruim”, pela participação geral dos alunos ou pela qualidade da conectividade, não foram assinaladas.

Em relação às adaptações/adequações da(s) metodologia(s) de pesquisa dos seus orientandos com os objetivos propostos, os docentes assinalaram (mais de uma alternativa possível) o que está demonstrado na figura 05.

Figura 05: Gráfico sobre adaptações/adequações das metodologias



Fonte: autor

Ainda sobre as adaptações/adequações nas metodologias, o docente C melhor definiu as dificuldades encontradas por seus orientandos:

“A maioria, 100% deles tinha previsão de campo presencial e desses 100%, pouquíssimos fizeram um campo presencial porque só fez campo presencial que já estava imerso no seu campo. [...] A maioria não fez o campo presencial e dedicou bastante à leitura e à escrita. Então tem uma qualidade nesse processo de revisão teórica e tem um empobrecimento daquilo teria sido o foco principal daquela pesquisa, já que todos trabalham com pesquisa participante. Então eu posso dizer assim, com um coração partido, que tem 100% de frustração desses estudantes que pretendiam fazer pesquisa participante com campo ativo, colaborativo, enfim. Mas tem uma qualidade na revisão teórica. [...] Todos eles fizeram suas pesquisas e todos eles fizeram pesquisa de campo. Ninguém aceitou a possibilidade de fazer uma pesquisa só teórica. Então eles realmente fizeram adaptações.

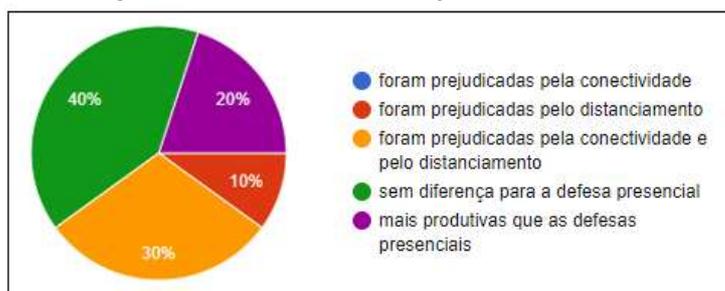
[...] Então tiveram essas adaptações e acho que quem ficou mais abalado de fato foram vários dos meus “orientantes” que trabalham com pessoas idosas. E como a gente trabalha com memória, a gente tem essa tendência de procurar os mais velhos de cada comunidade. E aí as pessoas idosas, durante um longo período da pandemia e ainda hoje continuam a ser um grupo de risco. [...] E aí essas pessoas, ao mesmo tempo que elas têm esse conhecimento, são as pessoas chave para essas pesquisas de campo, e elas também não tem domínio grande maioria do uso de tecnologia nenhuma. Então foi a principal ginástica foi assim, articular, quem são os jovens que convivem com você? Como é que a gente aciona os jovens para produzir ali uma microrrede para apoiar no acesso às tecnologias e aí nem que seja uma chamada de vídeo de *WhatsApp*? Então precarizou o contato entre pesquisador e grupo pesquisado mais alguns

estudantes identificaram assim com muita força o fomento das redes familiares, a partir da pesquisa. A própria pesquisa fomentou redes familiares para que isso pudesse acontecer”.

Docente C

Em relação às defesas de qualificação e de curso, os docentes afirmaram o que está demonstrado na figura 06:

Figura 06: Gráfico sobre realização das defesas remotas



Fonte: autor

No último bloco da pesquisa, foi tratada a percepção do ensino remoto e uma possível discussão sobre o Programa EICOS ser um curso híbrido (de acordo com as possibilidades da legislação brasileira e regulamentação da UFRJ). A figura 07 apresenta as impressões dos docentes em relação aos 2 anos de ensino remoto e suas expectativas futuras.

Figura 07: Gráfico das respostas da pergunta “Como foi a experiência com ensino remoto e se pretende levar para as disciplinas/orientações o hibridismo?”



Fonte: autor

A pesquisa também mostrou que 06 dos 10 pesquisados pretendem discutir disciplinas específicas para serem híbridas; 02 pretendem discutir o curso todo ser híbrido e 02 acham que o curso precisa primeiro passar por uma reformulação antes de se discutir o hibridismo.

A última questão da pesquisa foi um espaço para comentários livres dos docentes. As respostas mais relevantes foram:

“A dificuldade de conectividade dos alunos foi problemática, bem como o isolamento social deixou alguns com transtornos subjetivos que dificultaram e algumas vezes impediram o seguimento da pesquisa”. (Resposta 1)

“aprender que o presencial não tem que ser obrigatoriamente físico, pois o relacional é que é fundamental”. (R 2)

“A multiplicidade e participação de um número maior de pessoas de várias partes do país que antes pelo custo do deslocamento não seria possível”. (R 3)

“A participação aumentou, principalmente de estudantes vindos de locais mais distantes (como baixada Fluminense, Niterói, Itaboraí, São Gonçalo, região norte), que chegavam com atraso ou faltavam aulas presenciais com certa frequência devido à distância, ao trânsito e a condições específicas de suas regiões de moradia. Acredito que talvez este possa ser avaliado como indicativo de que o ensino remoto cumpre papel de inclusão socioeconômica e racial, considerando o perfil dos estudantes vindos destas regiões citadas”. (R 4)

“A sensação de frustração e o excesso de investimento e exaustão, em termos de carga horária e prejuízos à vida pessoal de alunos e professores pela falta de apoio da universidade e das instituições de fomento. Ao contrário, nesse momento crítico as agências de fomento estiveram na origem de um terrorismo ainda pior do que antes, principalmente com relação à avaliação da pós-graduação”. (R 5)

## 2.2 Apresentação dos dados referentes ao corpo discente

Foram então enviados 64 convites para responderem ao questionário, com 56 retornos (87,5% dos alunos). Em relação às entrevistas, foram convidados a participarem alunos de ambos os gêneros, de diversas faixas etárias e diversos períodos de curso, de ingressantes a alunos com as dissertações/teses prontas para suas defesas na decretação da pandemia, em março de 2020. Foram entrevistados 09 alunos do curso, sendo 05 doutorandos, 03 mestrados e 01 pós-doutorando. Para manter o anonimato dos entrevistados, serão referenciados, respectivamente, os doutorandos (discentes D1 a D5), mestrados (discentes de M1 a M3) e pós-doutorando (PD).

Dos alunos que responderam ao questionário, 66,1% eram doutorandos e 33,9% mestrados. A primeira questão tratada foi: “Como você viu a suspensão das aulas em março de 2020?” A discente M2 relatou sua experiência como ingressa no ano de 2020, no Programa EICOS:

“Basicamente fiquei frustrada porque eu queria ter essa vivência, eu estava voltando a estudar depois de muitos anos, e eu queria essa experiência da universidade, da troca ali, das pessoas e tal. Então, eu inicialmente fiquei muito frustrada e ainda fiquei na expectativa da universidade voltar. E aí quando se iniciaram as aulas, eu surpreendentemente não achei de tudo ruim não, eu achei que o conteúdo em si, de uma certa forma foi preservado, que eu consegui realmente aprender. Inicialmente senti que cada professor reagia de uma forma, uns com mais dificuldades que outros, alguns ainda tinham um pouco mais de cuidado, um planejamento maior, uns reproduzindo as aulas presencialmente.

De uma maneira geral eu acho que eu me adaptei bem ao sistema”.

Discente M2

A discente D5 teve uma outra experiência como ingressa em 2020, por ser egressa do EICOS, como mestranda:

Eu entrei no momento em que começou a pandemia. Então praticamente não deu nem para começar o doutorado. Foi assim, entrar e não saber o que ia acontecer. A minha sorte é que eu já conheci o EICOS, eu já tinha feito mestrado lá. E isso foi um aspecto importante, porque de alguma forma eu conhecia a instituição, eu conheci os professores e me deu alguma segurança porque eu sabia que alguma coisa seria resolvida. Acredito que teria sido muito diferente se na verdade eu não conhecesse essa instituição. (...) Eu diria que o maior sentimento nesse momento foi um sentimento de medo do que ia pela frente. A gente queria acreditar que seria uma coisa curta, mas ela se prolongaria por muito tempo com ônus no trabalho, com ônus no aprendizado, com ônus na vida. As três coisas aconteceram. Aí quando a gente começou a voltar teve uma coisa superimportante que foi o meu orientador, que nunca ficou ausente. Então, embora a gente não tivesse aulas, as reuniões com ele continuaram, o que trouxe uma segurança de que aquilo era real, as coisas tinham uma continuidade. A gente fez reuniões, a gente discutia algum tema, alguma coisa. A gente fez reuniões de orientação dos projetos, a parte de orientação não parou. Eu acho isso importante frisar. Mas sei de colegas que parou. Quer dizer, a minha realidade foi uma realidade muito privilegiada, porque eu tenho meu orientador do meu lado o tempo todo.

Discente D5

A Discente M3 teve a seguinte experiência, estando no meio do curso, porém não tendo passado pelo Exame de qualificação em março de 2020:

Eu acho que o 1º semestre de 2020 foi muito ruim. O 2º, com a retomada das aulas, a gente vê que apesar das dificuldades a gente conseguiu, em alguma medida prosseguir, então isso já foi uma um motivador a mais de, ‘não, vamos lá!’ e vou te falar outra coisa, o que eu falo sempre. A rede de apoio. Assim, você é uma pessoa que é rede de apoio. Eu tinha outros professores que eram rede de apoio também. Os colegas também, alguns que estavam na mesma pegada [...] Mas, com todo o cenário e com todos os desafios eu tenho uma sensação de que amadureci mais minha entrega, eu sei que hoje eu tenho muito mais maturidade mesmo. Até para hoje entrar no doutorado mesmo nessa loucura e fazer a coisa fluir.

Discente M3

A discente D4, que já tinha passado pelo exame de qualificação no início da pandemia, fez o seguinte relato:

Então não havia nem muita diretriz, e o EICOS foi bárbaro no sentido de ter dado *feedback*, apoio e tal. Mas no início a verdade é que ninguém sabia o que ia acontecer. Então houve aí um buraco vamos dizer assim, mais ou menos de março até agosto, setembro. [...] E aí no início eu acho que foi uma iniciativa muito própria, independente de saber se meu orientador estava bem, estava mal, se ele podia corresponder. E aí eu fui prosseguindo. Como ele diretamente

não tinha contato comigo nessa ocasião, porque na verdade eu já havia cumprido os créditos, era mais orientação. Eu peguei tipo, sabe quando você tem que saber que tem que arar a terra igual a um tatu que mete a cabeça e vai? Eu falei, algum momento meu orientador vai voltar sabe? E não estou falando mal dele, porque ao contrário, eu acho que ele sempre foi muito correto, mas claro, como todo professor nem ele sabia aonde ir, o que ia fazer. Houve sim aí uma perda de orientação que eu compreendi, porque no início muitos professores não sabiam nem como usar a tecnologia. [...] Ele não estava preparado para essa tecnologia atualmente. Ele muito preparado, muito conhecimento, mas ele não tinha ainda essa realidade. Então até mesmo para ele acompanhar a gente, eu acho que demorou a cair essa ficha. Então eu não diria que foi uma negligência por parte dele, mas sim uma deficiência que houve, não vou negar.

Discente D4

Foi solicitado aos alunos citarem suas impressões sobre a volta das atividades acadêmicas em agosto de 2020, com o (re)início do semestre, após 05 meses de paralisação da UFRJ para a preparação para o remoto por todas as partes da universidade. As menções mais significativas foram:

“Foi difícil conciliar as questões familiares e as demandas da casa com o ensino remoto. Dificuldade de encontrar um local tranquilo para assistir as aulas. Também tivemos alguns problemas com conexão e plataformas digitais (*Meet e Zoom*)”. (Resposta 1)

“Particpei apoiando uma disciplina da minha orientadora e percebi que os alunos entravam e saiam da sala, mantinham a câmera desligada, não participavam ativamente. Achei desafiador manter o compromisso, a presença e a participação dos alunos de graduação no modelo remoto”. (R 2)

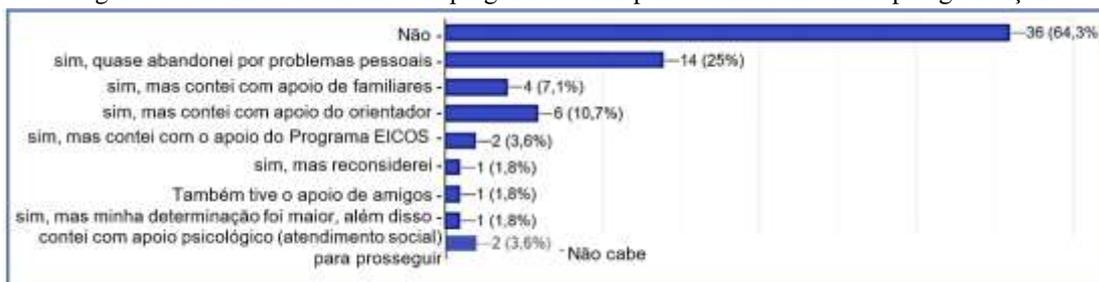
“Algumas disciplinas se utilizaram de plataformas para as quais não fomos preparados para utilizar”. (R 3)

“Acredito que as aulas em si não eram problema, mas sim nossas condições psicológicas diante de toda a situação da pandemia, estávamos com medo, nos adaptando a uma vida nova e com a cabeça cheia de informações”. (R 4)

“Tive apenas duas disciplinas para fazer, uma muito bem conduzida pela linha ‘Y’ e outra de eventos, que coube muito bem no formato remoto” (R 5).

Em relação às questões pessoais provocadas pela pandemia, 76,8% dos entrevistados responderam SIM, que tiveram problemas em casa e/ou no trabalho e 23,2% responderam NÃO. Em relação à questão “Você pensou em abandonar o curso devido à pandemia? (mais de uma opção possível)”, as respostas estão demonstradas na figura 08.

Figura 08: Gráfico do resultado da pergunta: “Você pensou em abandonar a pós-graduação?”



Fonte: autor

A discente M1 fez uma síntese de alguns problemas dos alunos:

“Eu moro sozinha, trabalhava, tinha todo um uma organização, foi um pouco difícil organizar, mas eu imagino que para os estudantes, por exemplo, que moram com as suas famílias, eu acompanhei muitos colegas. O sujeito está na aula, aí tem o filho e tem a mãe... não foi uma transição fácil de fazer. Eu me lembro que no início foi bem difícil. Tinham muitos problemas tecnológicos”.

Discente M1

O discente D3 fez um relato crítico em relação à conectividade de um(a) docente específico(a):

“Olha, eu não sei falar sobre os discentes, porque eu não sei a história de cada um. Por exemplo, eu converso com uma moça que está no Tocantins. E pela conversa que eu tive com ela, ela lá sendo vigiada por duas onças e quatro capivaras. Como é que eu vou exigir uma *internet* dela? É uma situação completamente diferente. Agora quem está aqui, os docentes, aí não dá não, cara. Isso daí é decepcionante. Como é que uma pessoa que mora em um apartamento no Leblon fala que a *internet* é muito cara? Sendo que a *internet* do ano inteiro dela não deve dar um mês do condomínio que ela mora? Então às vezes é uma hipocrisia muito grande”.

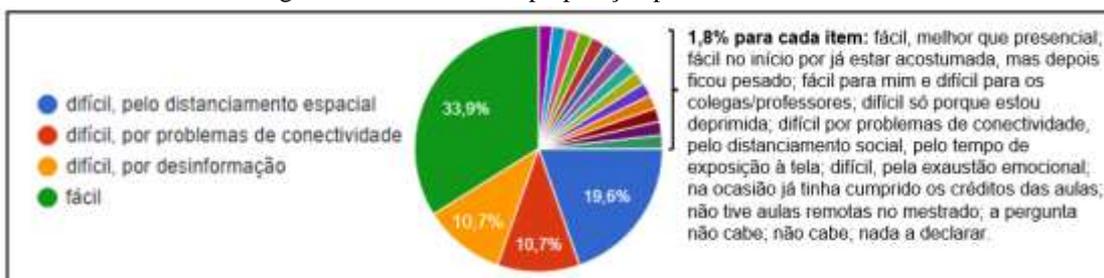
Discente D2

Perguntados se já tinham feito cursos na modalidade a distância (EaD), 55,4% responderam SIM e 44,6% responderam NÃO.

Em relação ao domínio das plataformas AVA/webconferência, 41,1% dos alunos responderam que já tinham conhecimento prévio, pois já trabalhavam ou usavam anteriormente uma AVA; 28,6% afirmaram que tinham pouco domínio, mas com o tempo melhoraram; 23,2% afirmaram que o domínio com as plataformas de webconferência maximizaram com o tempo e apenas 7,1% assinalaram que tinham domínio básico e continuava a ser “complicado”.

Em relação à adaptação para as aulas remotas, a figura 09 apresenta as seguintes respostas dos alunos:

Figura 09: Gráfico sobre preparação para as aulas remotas



Fonte: autor

A seguir algumas avaliações dos entrevistados em relação a atuação dos docentes no ER:

“Era nítido que alguns tinham mais dificuldade com a parte tecnológica, deu para perceber bem isso, mas eu acho que sim, alguns eram inclusive bastante resistentes ao método, talvez por eles nunca vivenciaram. Eu senti uma resistência dos próprios professores, mas eu acho que isso é na medida que as aulas iam correndo de uma semana para outra. Eu sinto uma diferença de sentido ‘vamos encarar’. ‘Se é o que tem, vamos nos adaptar’, e aí começou a fluir”.

Discente M2

“Essa resistência [docente], esse *status* do poder, né? E do estar presencial inclusive para alguns signos físicos significarem o empoderamento? É o controle, diria isso com muita tranquilidade. A academia ainda é esse lugar. Ainda é o lugar de que eu domino, eu controlo, e eu sou o dono. É muito difícil os professores da academia renovarem esse pensamento e isso vai fazer a universidade se atrasar muito.

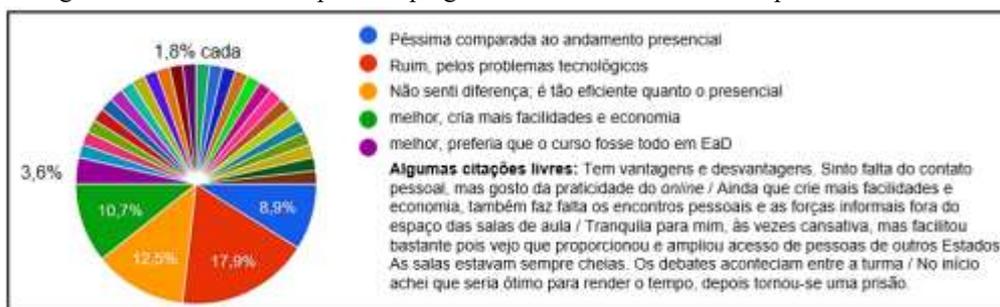
Discente D1

“Não cai o dedo você pesquisar no *YouTube* como é que usa o *Google Meet*. Como é que você manda o *e-mail*? Tem professor da UFRJ que não sabe digitar. [...] Que não sabe fazer um negócio que é básico. Negócio que eu sabia fazer quando eu tinha, sei lá, 12 anos de idade. [...] Eu não nasci na *internet* não, entendeu? E na época que eu que eu sabia fazer isso são 21 anos atrás. Se a pessoa tem 50 agora, tinha 30 na época. [...] Eu próprio vim de uma de graduação de administração de empresas. E imagina eu tendo que ler Foucault, Deleuze, Guattari, Suely Rolnik. Hoje eu consigo associar isso muito bem porque eu ralei muito. Mas é falta de interesse”.

Discente D2

Perguntados como foi/têm sido a experiência com o ensino remoto (ER), os alunos responderam conforme apresentado na figura 10 (mais de uma resposta possível):

Figura 10: Gráfico das respostas à pergunta “Como foi/tem sido a experiência com ER?”



Fonte: autor

Os discentes D1, D2 e D5 pontuaram questões a respeito sobre o distanciamento social e as aulas remotas: laços e troca de conhecimentos:

“A convivência com colegas foi muito diferente. Eu acho assim, é muito diferente no sentido de que eu conheci pessoalmente e das que eu só conheço *online*, pessoas que eu não tenho contato presencial ainda. E que são orientados da mesma professora que eu. São pessoas com que eu tenho, inclusive, já um nível de afeto e relação muito próxima, mas que eu não conheço pessoalmente. Isso já acontece. Mas eu acho que isso não prejudicou o grupo de estudos, em si. Eu acho o que mais prejudicou foi esse período de adaptação, foi a instabilidade emocional.

Discente D1

Então, eu não tive nenhum tipo de estranhamento para nas aulas à distância. Foi meio que eu trouxe a UFRJ para o meu mundo e não eu fui para o entende? E isso foi uma coisa hiper tranquila. [...] Não tive qualquer tipo de problema. Foi bem mais confortável para mim. Inclusive eu pego uma condução lotada aqui. Demora prá caramba, e não é longe. É um trânsito que é ruim. [...] Eu passava por esse processo tanto para ir quanto para voltar. Então foi muito mais cômodo para mim, parar aqui, quinze minutos antes da aula com a mesma roupa que eu estou [...]. Eu acho que nesse caso o contato humano, não sei, não sei se teve perda.

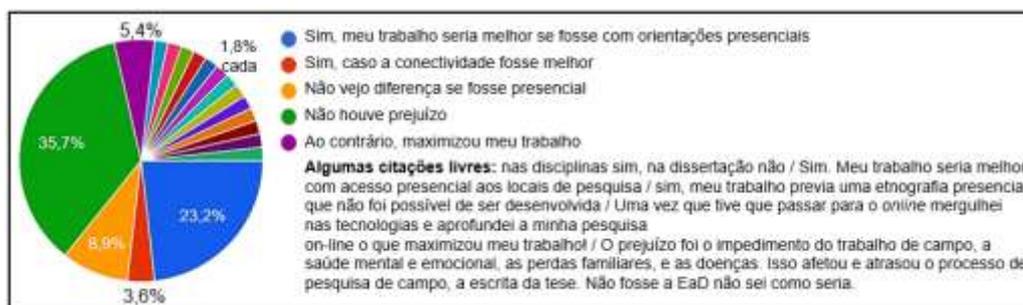
Discente D2

Quantas às aulas *online* eu vou dizer assim, eu não acho que os professores estão preparados para usar os recursos disponíveis no mercado das aulas. Eu acho que ela ainda é uma aula muito conversa. Mas hoje existem vários recursos de você colocar como pessoas numa sala, fazer dinâmicas, fazer enquetes. Então existem coisas que podem ser utilizadas que trazem dinâmica melhor para as aulas. Mas não vejo os professores preparados. E o que eu tenho assim, a minha realidade com meu orientador, é que ele fala muito bem e ele conhece muito. Então mesmo que as aulas deles sejam meio que palestras, elas funcionam, dado o conhecimento que ele tem e dada a abertura que ele dá para troca, interatividade, como as pessoas se sentem muito à vontade para perguntar, para comentar, etc. Mas o que eu estou sabendo que tem aula que está sendo um verdadeiro pesadelo. [...] Estou usando dados de outros colegas, que professores que, além de não saberem usar tecnologias, a privacidade não está sendo preservada, fica com microfone aberto com discussões outras, enfim.

Discente D5

Em relação ao sentimento do corpo discente se houve prejuízo ou não nas disciplinas e dissertações/teses, a figura 11 apresenta as seguintes respostas (sendo possível mais de uma opção):

Figura 11: Gráfico das respostas à pergunta “Houve prejuízos em relação às disciplinas/teses com ER?”



Fonte: autor

O discente D1 fez um breve relato sobre seu Exame de Qualificação, feito de forma remota:

Foi normal. Como contribuições, foram contundentes e acho que não seriam diferentes se fossem presenciais. Eu achei de grande qualidade a discussão, [...] a banca foi demorada, como eu acho que ela seria demorada se presencial. Não acho que houve prejuízo nenhum por ela ser *online*. Eu acho que inclusive facilitou eu gravar e ter acesso a gravação inteira. Então eu acho que não houve prejuízo nenhum nesse sentido.

Discente D1

O Programa EICOS é um curso psicossocial e interdisciplinar que tem nas pesquisas participativas junto às comunidades específicas seu diferencial. Todos os entrevistados precisaram adequar, em maior ou menor grau, seus projetos pela incapacidade de entrevistas presenciais, pelas limitações tecnológicas de entrevistados e pelos prazos para adaptações, pesquisa de campo adequados, análises e escritas.

Os entrevistados a seguir relataram suas adequações metodológicas:

“Na verdade, a minha ideia era fazer totalmente campo, em nenhum momento eu pensei em fazer uma coisa via *internet*, e eu acabei optando por uma etnografia digital pela facilidade de poder ali, a pessoa e tal, a maior parte da minha pesquisa foi feita através de *WhatsApp*, *Zoom* e tal, porque eu tirei essa possibilidade do campo. No auge da pandemia e depois do auge, as coisas começaram a interagir, havia uma resistência também das outras pessoas, dos pesquisados assim com relação a esse presencial. Então, assim, mudou a metodologia completamente em função da pandemia”.

Discente M2

“A minha pesquisa teve muita pouca interferência específica, em si. Porque eu tinha uma previsão de fazer entrevistas com professores da rede pública, da educação básica, e isso a gente teve que transformar em uma entrevista *online*, basicamente foi essa a mudança. Mas as outras etapas elas já foram previstas para serem digitais, para ser então uma investigação nas redes sociais que eu

estou fazendo, principalmente no *Facebook* e *Instagram* e também um questionário que é respondido também *online* e esse também não tinha previsão de ser presencial. Então a única mudança que houve, metodologicamente, foi essa transformação das entrevistas em profundidade que seriam presenciais para serem *online*. [...] E realmente trouxe algum atraso para o meu o projeto. Tanto é que eu tenho a mudança da organização da pesquisa. E na verdade inclusive uma mudança até de referenciais teóricos”.

Discente D1

Em relação ao hibridismo no Programa EICOS, foi perguntado aos alunos se apoiariam que o curso fosse híbrido (com aulas e/ou disciplinas presenciais e remotas), dada a experiência com o ensino remoto (ER). O gráfico da figura 12 apresenta as respostas.

Figura 12: Gráfico sobre opinião do corpo discente sobre hibridismo no Programa EICOS



Fonte: autor

Sobre um possível hibridismo no Programa EICOS, os entrevistados deram suas opiniões:

“Eu acho que amplia as possibilidades. Vou te dizer, a gente talvez não tenha dimensão o quanto a gente perde nesse deslocamento, em termos de tempo, em termos de qualidade de vida e tal. Eu acho que caminha para isso, assim, não só o ensino acadêmico, como eu acho que o profissional também, eu acho que muita coisa vai ser revista”.

Discente M2

Eu diria para você que as aulas presenciais já eram muito dialogadas, muitas falas e menos recursos, nem aí os [recursos] dinâmicos, as atividades, etc. eram menos presentes. Então, que pode ser uma característica da faculdade que não me cabe julgar, só que tem recursos para fazer diferente, e para promover um aprendizado diferenciado. Com relação à tecnologia, as disciplinas, eu gostaria que voltassem presenciais, mas eu gostaria que voltasse híbrido. Porque eu acho que alguns encontros funcionam melhor à noite. Foi num horário em que a gente pode fazer de casa acompanhando, mas eu sinto muita falta desse contato realmente. Eu gostaria muito que voltasse de uma forma híbrida, não de uma forma 100% olho no olho. As relações se estabelecem no presencial mesmo. O resto são contatos, mas assim eu em um ano, em dois anos de mestrado eu fiz amigos graças ao contato presencial, ao cafezinho, aos almoços e enfim, às trocas. Porque não é em sala de aula que você conhece as pessoas, é nos intervalos, né? Então eu gostaria que voltasse de forma híbrida.

Discente D5

### **3. Considerações finais**

Dois anos após o início da pandemia e suas consequências sem precedentes na atualidade, constatam-se novas visões a respeito do papel das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no dia a dia das pessoas, passando de conceitos vagos a conceitos mais definidos.

A (r)evolução proporcionada pela incorporação da tecnologia no trabalho e na Educação se associou a uma nova mentalidade proporcionada pela experiência com o Ensino Remoto.

O ponto de partida para entender a adaptação ao ER é o papel que as TDIC têm no mundo atual, em maior ou menor grau na vida das pessoas. É fato que qualquer que seja o conhecimento de qualquer tecnologia, esta é recorrente para as pessoas, mesmo que elas não tenham entendimento do quanto as tecnologias estão presentes no dia a dia delas.

Após 04 semestres de práticas a on-line, a experiência com o remoto proporcionou aos docentes do Programa EICOS uma melhor visão quanto a este formato, embora não haja unanimidade quanto a incorporá-la, caso seja possível em um futuro próximo. Apenas 02 de 10 docentes que participaram da pesquisa afirmaram preferir manter o curso totalmente presencial (01 docente achou o ER uma experiência positiva e outro negativa). Entre os discentes, apenas 16,1% assinalaram que o EICOS deva permanecer totalmente presencial.

Como foi assinalado pelos docentes entrevistados, o diferencial dos alunos de pós-graduação resultou em um melhor aproveitamento das orientações e das disciplinas com o ER, e apenas 01 entre 10 docentes respondeu que houve prejuízo significativo, tanto para as disciplinas quanto para as orientações. Entre os discentes, 50,1% afirmaram que não tiveram prejuízos ou até houve maximização das disciplinas.

Em relação às defesas, 60% dos docentes afirmaram terem sido exitosas, 30% afirmaram terem sido prejudicadas pela conectividade e 10% pelo distanciamento social.

Para 90% dos docentes, não houve prejuízos, ou foram muito poucos, nas disciplinas desenvolvidas por meio do ensino remoto; em relação às orientações, apenas 10% assinalaram que houve grandes prejuízos. Em relação aos discentes, 50% não sentiram prejuízo nas disciplinas; 23% afirmaram que sim, com citações relacionadas à qualidade da conectividade ou impossibilidade de pesquisas em campo.

Para os docentes, 90% acharam a experiência com ER positiva e pretendem discutir a possibilidade de manter o formato remoto ou híbrido. Para os discentes, 83,9% opinantes assinalaram que as disciplinas e orientações devam ser híbridas. Um ponto importante assinalado pela maioria dos pesquisados é ênfase na necessidade de interação presencial na produção de pesquisas e construção de laços afetivos.

Por último, em relação à pesquisa, tanto para docentes quanto para discentes, os principais pontos positivos no formato remoto foram: deslocamentos evitados, maximização do tempo. Pontos negativos: mais tempo em frente ao computador e falta de conhecimento/relacionamento pessoal.

A experiência nestes dois anos de ER pôde criar uma adoção e reconfiguração de metodologias e didáticas relacionadas ao formato remoto, que podem ser cada vez mais aprimoradas e incorporadas aos projetos pedagógicos dos cursos. A pesquisa demonstrou que o hibridismo seria um formato adequado e aceito por grande parte dos integrantes do Programa EICOS.

Antes de qualquer mudança nas práticas experimentadas com o ER, é necessário discutir e regulamentar a permissão e limitação do ensino e da pesquisa de forma remota ou híbrida, dentro das instâncias da universidade assim como na CAPES. Outra questão fundamental a ser levada em consideração para uma maior perspectiva de integração das tecnologias educativas com a educação, é a necessidade de investimentos vultosos em infraestrutura e capacitação de professores e servidores técnico-administrativos.

Concluindo, a pesquisa demonstrou que tanto docentes quanto discentes se viram no turbilhão pelo qual passou a humanidade diante de um abrupto distanciamento social causado pela pandemia. A necessidade imperativa de se adequarem a um modelo não usual de conexão - o remoto - se mostrou, aos poucos, positiva em diversas atividades e situações.

Muitos daqueles que tinham relutância em relação ao ER, e em maior medida ao EaD, revisitam suas opiniões diante das possibilidades proporcionadas pelo ER.

É necessário destacar a proposta de retomada das discussões da comissão instaurada em 2021 sobre a regulamentação da incorporação de atividades a distância nas diretrizes nacionais de educação, na pós-graduação, segundo o Parecer CNE/CP nº 14/2022 (BRASIL, 2022), que propõe “retomar o debate do papel das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) nas sociedades modernas”.

Para Ghisleni *et al.* (2021), esses amoldamentos via tecnologias, como no caso do ER diante da pandemia, já faziam parte das estratégias da humanidade ao longo da história para se adaptar, sobreviver e se desenvolver conforme os cenários, críticos ou não. Sendo assim:

Tecnologia e humanidade andam de mãos dadas desde o início da nossa história. O ser humano é uma tecno espécie: criamos tecnologias e somos transformados por elas, em um ciclo contínuo que tem se retroalimentado durante todo o processo evolutivo da humanidade.

(GABRIEL, 2018, *apud* GHISLENI *et al.*, 2021, p. 305)

É certo afirmar que o homem é um ser tecnológico e a sociedade contemporânea está intrinsecamente interligada nos seus mais diversos aspectos tecnológicos, e mais contemporaneamente as pessoas estão conectadas irreversivelmente de forma digital, ainda mais visível em tempos de crise, como da pandemia do coronavírus.

## REFERÊNCIAS

BOTO, C. A educação e a escola em tempos de coronavírus. **Jornal da USP**. São Paulo, 08 abr. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-educacao-e-a-escola-em-tempos-de-coronavirus/>. Acesso em: 05 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer nº 14/2022, de 05 de julho de 2022, que dispõe sobre diretrizes nacionais gerais para o desenvolvimento do processo híbrido de ensino e aprendizagem na Educação Superior, em conformidade com o Indicação CNE/CP nº 1, de 13 de abril de 2021. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=238781-pcp014-22&category\\_slug=julho-2022-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=238781-pcp014-22&category_slug=julho-2022-pdf&Itemid=30192). Acesso em 01 set. 2022.

EICOS UFRJ - Programa em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. **Bem-vindas e bem-vindos! Quem somos? Missão**. Rio de Janeiro: EICOS, c2017. Disponível em: <http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/pt/home/apresentacao-2/>. Acesso em: 28 nov. 2021.

GHISLENI, T. *et al.* Educação em tempos de pandemia: a migração do ensino para o formato não presencial como um cenário de desafios e possibilidades. **Disciplinarium Scientia**. Santa Maria, v.21 n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/download/3562/2713>. Acesso em 14 mar 2022.

HODGES, C. *et al.* Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia**, v.2, 2020. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/download/17/16/95>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MILLS, D. (org.) **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Papirus, 2018.

PEIXOTO, J; ARAÚJO, C. H. S. Tecnologia e educação: algumas considerações Sobre o discurso pedagógico contemporâneo. **Educação e Sociedade**, n. 33, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/fKjYHb7qD8nK4MWQZFchr6K/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 abr. 2022

SALDANHA, L. C. D. O discurso do ensino remoto durante a pandemia de Covid-19. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 50, p. 124-144, out/dez. 2020. DOI 10.5935/2238-1279.20200080. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/8701/47967205>. Acesso em: 25 out. 2020.